



PRUITT (Ida). — *A Daughter of Han — The Autobiography of a Chinese Working Woman. (From the Story Told Her by Ning Lao T'ai-t'ai)*. Stanford, Stanford University Press, 1967, 254 págs. •

Nesta obra cuja primeira edição, publicada pela Yale University Press, surgiu em 1945, a autora relata a vida de Nin Lau Thai Thai, a partir das narrativas feitas por essa velha trabalhadora chinesa.

Fatos da vida familiar, aspectos das cidades e do ambiente social chinês, dos costumes e atitudes tradicionais em seu conflito com imposições dos novos tempos transparecem na narrativa, pacientemente registrada pela autora ao longo de dois anos de entrevistas regulares, mantidas com a narradora três vezes por semana, durante o café da manhã.

O vocábulo chinês *Thai Thai* significa "senhora", "esposa" e *Lau*, "velha". Ambos juntos são traduzidos por "uma senhora" referindo-se a uma anciã, donde, portanto: *Ning Lao, T'ai-t'ai* deve ser traduzido simplesmente por Senhora Nin, suprimindo-se o g, inexpressivo para a língua portuguesa.

Por "trabalhadora" a autora designa uma chinesa da classe sócio-econômica à qual pertencia a senhora Nin na China de 1867 a 1938, isto é, alguém que, não possuindo bens de origem e não tendo ascendido pelo casamento, busca sua sobrevivência e a de sua família oferecendo-se para trabalhar, trabalhar sempre, trabalhar em tudo que possa ser encontrado ao longo da vida e, em qualquer circunstância, servir.

Para a língua portuguesa os termos aparentemente sintéticos "doméstica", "criada" ou "serviçal" carecem de suficiente abrangência para a identificação da atividade da narradora pois, embora seu trabalho predominante tenha sido de serviçal em casas de família, teve ela de exercer outras ocupações diversas, tais como mascate, biscateira e, mesmo, mendiga.

Por "filha de Han" quer a autora designar uma chinesa autêntica, ou uma Han, termo com que tradicionalmente pretendeu-se definir a raça chinesa propriamente dita.

A obra está dividida em três grandes partes ou livros, intitulados, respectivamente, A Família, Em Serviço e, de novo, a Família, precedidas de um Prólogo e de uma descrição da Cidade de Penglai, na província de Xán Ton (Shantung). No Prólogo a autora transcreve a impressão sintética da Senhora Nin sobre a sua própria vida:

Eu tive uma vida cheia. Eu vi cenas maravilhosas. Vi o mar coberto de cadáveres como peixes dourados num aquário quando se joga pão para eles.

Vi os grandes deste mundo e comi a comida que foi preparada para eles. Eu sofri amargamente. Sofri fome e sofri a visão das minhas crianças vendidas. Tudo eu tive em grau superlativo, mas nunca usei boa roupa, sempre us ei estas roupas de camponesa. Estou acostumada com elas agora e não posso mudar".

Em linguagem coloquial, que procura transcrever o mais possível as frases da narrativa tal como foram ditas, a autora vai expondo sucessivamente os dados da infância de Nin, seu crescimento, casamento, relacionamento com familiares e com a sociedade, fundamentalmente através da procura permanente de ocupações e remuneração.

É a este último aspecto que é dedicado o segundo livro, descrevendo as particularidades e diferenciações entre os padrões possíveis no período coberto pela narrativa na China, sejam estes oficiais militares, maometanos ou funcionários civis.

Como é usual nas famílias de baixo nível econômico, o período correspondente ao crescimento e à chegada à idade adulta dos filhos propicia à família de Nin um relativo desafogo das preocupações mais angustiosas da sobrevivência. É a esse período que é dedicado o terceiro livro, coincidindo com o estreitamento de laços da narradora com os missionários cristãos de língua inglesa.

Transparece, aí, através do relato sucessivo dos caminhos autônomos que vão tornando os descendentes e a família em seu conjunto, uma visão retrospectiva da narradora, que pode, enfim, contemplar, a despeito das adversidades enfrentadas e que permanecem ainda, em certo grau, um ciclo de vida completo e, sem dúvida, realizado. Nesse quadro, mesmo a situação do esposo, vítima do vício do ópio, encontra sua acomodação. É, enfim, a narradora, a velha senhora, que, sem intervir mais tão diretamente no complexo familiar, acompanha com atenção, embora sem compreendê-las totalmente e sempre referenciando-as aos costumes, atitudes, crenças e procedimentos tradicionais, as mudanças operadas nos descendentes, sua capacidade de assumir novas posturas sociais e pessoais.

Mudanças que acabam por expressar-se à plenitude total no progressivo engajamento da neta em uma postura ativa, dinâmica, de combate ao invasor estrangeiro, indicando a emergência, no país, de uma nova atitude histórica, de sentido, sem dúvida, modernizador.

No que toca a época em que foi escrita, a obra deixa transparecer claramente o engajamento da autora, norte-americana, no sentido de promover, junto a seus compatriotas, a idéia do apôio à China contra o invasor japonês, apontado repetidamente como o grande elemento perturbador e ameaçador de tudo aquilo que foi caro à pessoa de Nin e a seus propósitos de viver em paz.

A despeito, porem, deste engajamento que, sem dúvida, tende a mascarar um papel mais amplo e igualmente perturbador exercido na China do período abordado por toda uma grei de ocupantes estrangeiros, o escrúpulo, rigorosamente perseguido, de fidelidade à narrativa original preserva a vitalidade da obra e seu sentido de apresentação de um quadro da realidade social e histórica chinesa recente, realmente vivo e motivador de novas abordagens.

A autora Ida Pruitt deixou a China em 1938 e completa seu relato sobre a velha senhora dizendo não saber, desde então, mais nada do que teria ocorrido com ela, não tendo recebido, a partir daquele ano, qualquer informação sobre seu destino.

*TEREZINHA NAKED ZARATIN*